

COTIDIANO DA ESCOLA

UM FUSQUINHA COR DE ROSA ESTACIONA NA ESCOLA? COMPARTILHANDO UMA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO NOS ANOS INICIAIS

Fernanda Pereira San Martins*

Resumo

Trabalhar com gênero e sexualidade na escola é um assunto polêmico. Problematicar questões como: porque os meninos não brincam de boneca e as meninas de carrinho, geram desde cedo significados e conflitos na educação das crianças.

Licencianda no Curso de Pedagogia, na Universidade Federal do Rio Grande – FURG, no mês de Agosto de 2013, iniciei meu estágio nos Anos Iniciais, supervisionado pela minha Orientadora Maria Renata Alonso Mota, desenvolvi meu estágio em uma turma de 1º ano da Escola Estadual de Ensino Fundamental Nossa Senhora Medianeira, da cidade do Rio Grande/RS.

No decorrer das cinco semanas de estágio, a turma em que eu estava como estagiária foi apontando suas necessidades a partir da leitura e das contações de história. Partindo dos assuntos que as crianças queriam ouvir, desenvolvi meu projeto intitulado: “Quem conta um conto aumenta um ponto: Histórias Infantis”.

O projeto foi sendo produzido a partir de histórias variadas, mas aos poucos percebi que os meninos separavam as meninas das brincadeiras porque eram meninas e, não jogavam bola com elas. Toda vez que eu propunha uma brincadeira que tinha algo rosa ou azul eles

*Formanda do Curso de Pedagogia (FURG)

desistiam logo. Então, comecei a ficar inquieta sobre o assunto e me senti mobilizada a discutir as questões de gênero e sexualidade com as crianças. Fui em busca de ajuda para pensar algumas estratégias com o Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola da FURG, que me sugeriu um livro infantil para integrar meu projeto com literatura e contação de histórias.

O livro “O fusquinha cor- de- rosa”, autoria de Caio Riter e ilustração de Elma conta a história do Beto e da Bia, irmãos que adoram brincar juntos, mas um fusquinha considerado um brinquedo de menino, por ser um carro e, um brinquedo de menina, por ser da cor rosa, faz com que os irmãos excluam o carrinho e não brinquem com ele, até que o descobrem dentro de uma caixa e começam a brigar por ele.

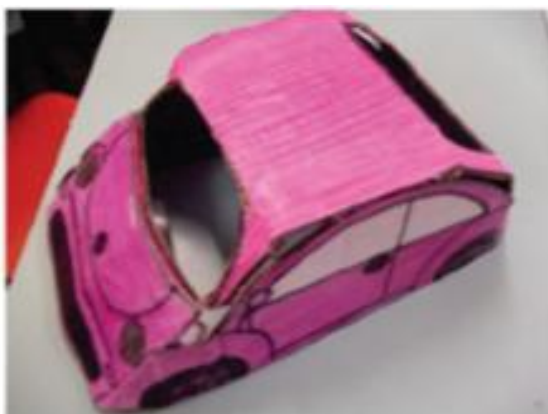


Foto: arquivo pessoal

Ao conhecer a história da Bia e do Beto, imediatamente pensei: este livro vai dar o que falar! Preparei uma caixa mágica para contar a história e construí um fusquinha rosa para que este saísse de dentro da caixa. Todos sentados em roda comecei a contar a história. As crianças estavam atentas e curiosas para ver o que tinha dentro da caixa e, como no livro os brinquedos ganhavam vida depois da meia noite, com o fusquinha não iria ser.



O fusca e as placas de trânsito



A turma do 1º ano



A estagiária e o fusquinha

Foto: arquivo pessoal

Os meninos logo disseram: A gente não brinca com coisa rosa é coisa de menina e as

meninas logo foram dizendo: De carrinho a gente também não brinca. Então uma menina disse: Nada a ver mulher também dirige carro e melhor que os meninos!. E começaram as discussões, até que um menino me olhou e disse: Professora eu acho que o meu padrasto é! Eu perguntei: É o que? É marica prof! Sabes porquê? Ele usa camiseta rosa e todo homem que usa coisa rosa é marica. A partir desse relato do menino, eu busquei mediar a situação e promover uma discussão com a turma dizendo que rosa é uma cor como todas as outras e perguntei para ele quem tinha dito aquilo, e ele prontamente me respondeu: Meu pai que é muito homem, ele me disse que homem de verdade não usa rosa e nem compra florzinha de mulher.



Vamos aprender a dirigir?

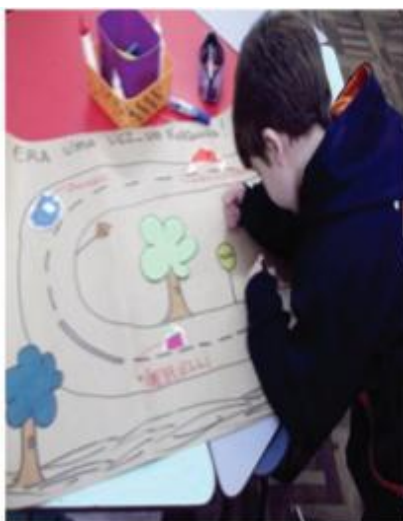
Foto: arquivo pessoal

No outro dia eu construí um fusca rosa choque e cheguei em sala de aula dentro dele buzinando e acenando. O olhar das meninas era de felicidade, mas dos meninos era de reprovação por causa da cor. Construímos uma pista no hall de entrada da escola onde trabalhei a sinalização e as placas de trânsito. As meninas andaram no fusca, mas os meninos, de início ficaram um pouco arredios, e um deles dizia que era coisa de marica.

Em alguns momentos enquanto a turma brincava com outros brinquedos este menino pegava o fusquinha escondido e brincava um pouco, mas bastava um olhar ou comentário das outras crianças, para ele largar o fusquinha e ainda dizia: Nunca vou gostar de rosa!

Minha experiência durante o estágio dos Anos Iniciais foram marcadas por estas histórias que me fizeram ainda mais me apaixonar pela docência e junto com ela estas questões que me movem a refletir o quanto as crianças já nascem com o azul de menino e o rosa de menina. A nossa cultura é marcada e estas crianças quando chegam á escola carregam

consigo estas marcas. São histórias cheias de significados, as crianças estão se produzindo, tem entre 6 e 7 anos e já pensam assim, separando brinquedos e brincadeiras em coisas de meninas e de meninos. Nem mesmo sabem o que significa ser marica e já discriminam o outro por gostar do rosa, do azul, da boneca e da bola. Penso que a escola deve sim trabalhar desde cedo com estas questões, quebrar estes preconceitos que atravessam a educação para que quando chegue a idade adulta não se tornem adultos cheios de preconceitos que discriminam o próximo.



Atividade sobre o trânsito

Foto: arquivo pessoal